

Elas se destacam em profissões ou entretenimentos predominantemente dominados por homens. E provam que ter capacidade não é uma questão de gênero

POR CAROLINA MARCUSSE*
E LETÍCIA MOUHAMAD*

Responder à pergunta “o que você quer ser quando crescer?” parece muito simples para algumas crianças que, decididas, sabem exatamente o que querem fazer quando adultas. Para outras, entretanto, por mais que a resposta esteja na ponta da língua, a limitação está nas opções que lhes são apresentadas. Para as mulheres, por muito tempo, a lista de escolhas foi bastante restrita, valendo-se apenas de profissões ligadas ao cuidado, à saúde e à educação.

O próprio trabalho doméstico, constantemente desvalorizado, está, aos poucos, sendo reconhecido como algo que necessita de conhecimentos, de tempo e de energia — muita energia. Mas, aqui, não se trata de uma mera questão profissional, e, sim, de gênero. Mesmo com maior nível de escolaridade, as mulheres ainda têm dificuldades em ingressar em áreas majoritariamente ocupadas por homens; seus salários são inferiores e sua eficiência é constantemente questionada.

Para as que quebram as expectativas das estatísticas, o caminho é longo e exige coragem — aliás, ser mulher, por si só, já demanda esse atributo. Reconhecer os problemas e contar com redes de apoio é fundamental. Nesta matéria especial do Dia Internacional das Mulheres, contamos histórias inspiradoras de quem conseguiu se destacar em setores profissionais e de entretenimento que não foram pensados inicialmente para elas.

Cachaceira, sim!

Bebida forte? Para Andréia Gerk, especialista em cachaça e auditora fiscal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) há 15 anos, essa não é uma resposta simples. Ela explica que hoje, diferentemente do que se pensa, existem diversos tipos de cachaça, para todos os gostos e bolsos. Existem garrafas com valores que passam da casa do milhar, quebrando, assim, uma visão errônea de que a cachaça é uma bebida para pessoas com menor poder aquisitivo.

Se Andréia desmistifica a ideia de que a cachaça é bebida de uma determinada classe social, ela também indica que não é exclusiva do público masculino, por ser conhecida como “forte”, devido a seu teor alcoólico. Na dose adequada, pode substituir o tradicional consumo de vinho ou cerveja no final de semana, inclusive para as mulheres, que, geralmente, temem a bebida ou sofrem julgamento quando a consomem.

As mulheres receberam, em 2019,
em média,

77,7%

do montante obtido pelos homens.

Em funções e em cargos que
asseguram os maiores ganhos,
como diretores e gerentes, as
mulheres receberam

61,9%

do rendimento dos homens.

Entre o grupo dos profissionais da
ciência e intelectuais, receberam

63,6%

do rendimento dos homens.

Fonte: IBGE

DICA DE ANDRÉIA

Para quem já aprecia e consome vinho com frequência, dar uma chance à cachaça é simples. A bebida tem um universo sensorial a ser explorado, desde aromas até sabores. Segundo Andréia Gerk, especialista em cachaça e auditora fiscal do Mapa, o destilado pode ser envelhecido em mais de 40 tipos de barris e possui uma série de técnicas envolvidas, que levam à diversidade de produtos disponíveis. Sendo assim, ela incentiva as mulheres a explorarem esse espaço e não se sentirem intimidadas por ser um meio de predominância masculina. Ela conta que a recepção é boa e as possibilidades, infinitas.

A mineira conta que sempre apreciou cachaça, pois o destilado esteve presente nas celebrações da família desde sua juventude. Ela recorda que, depois de visitar a família em Minas Gerais, tinha o hábito de trazer cachaças de qualidade para apresentar aos amigos com quem ela cursava agronomia na Universidade de Brasília (UnB). Ao final do curso, seu interesse e seu consumo não foram extintos e, ao trabalhar fiscalizando produtores e bebidas, acabou ainda mais envolvida no meio.

Com o conhecimento técnico e uma profissão que permitia entender a realidade da produção de bebidas como um todo no país, começou a dar palestras e a orientar fabricantes sobre práticas adequadas e seguras, além de alertar as pessoas sobre o risco das bebidas produzidas sem os critérios e os cuidados adequados. Escreveu diversos artigos sobre o tema, o que a tornaram conhecida no meio, publicou três livros em parceria com o Sebrae e sempre esteve presente no máximo de eventos sobre cachaça possíveis.

Além das experiências profissionais, passou a frequentar informalmente a Confraria da Cachaça do Brasil, que tem sede em Brasília. O grupo afirma que tem como principal objetivo “difundir conhecimentos sobre a cachaça, visando preservar esse importante bem cultural do povo brasileiro”. Lá, conheceu outros conhecedores da aguardente brasileira e pôde compartilhar opiniões e informações.

Andréia é membro da Cúpula da Cachaça, integrando o time de especialistas responsáveis por realizar o ranking de cachaças, avaliando diversos aspectos da bebida. Na Cúpula, é a única mulher que ocupa tal posição de destaque, mas vê a perspectiva animadora para o público feminino no meio. Ela conta que, em eventos e na própria Confraria, percebe o interesse delas crescer nas últimas décadas — seja pela parte técnica e da produção, seja pela degustação.

Com isso, ocorre uma quebra da visão estereotipada e negativa de quem consome e gosta de cachaça, que está ligada ao alcoolismo, que é uma doença. Andréia diz com orgulho: “Sou cachaceira, sim”, pois estuda a bebida há décadas, conhece e incentiva outros a provarem. O destilado é uma bebida versátil, que pode ser harmonizada com pratos, adicionada a preparos e claro, ser parte essencial de drinques, já que não precisa ser consumida pura, necessariamente. Um exemplo é a famosa caipirinha, que na receita original leva cachaça, mas algumas pessoas trocam a bebida brasileira por vodka.